

# JOSÉ ANTÓNIO SARAIVA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

ENTREVISTA REALIZADA EM SETEMBRO DE 2001

Um arquiteto que seguiu as letras do pai e tem uma relação tranquila com o jornalismo. José António Saraiva, diretor do *Expresso*. Primeiro romance: *O Último Verão na Ria Formosa*. Escrita solitária. Trocava impressões com quem lhe metia o texto no computador, especialmente a antiga secretária, Teresa Videira. Preocupação: personagens credíveis. Deu o original a ler a mulheres de diferentes gerações, entre as quais, mãe e mulher. Outra obra pronta: *As Confissões de um Diretor de Jornal*, escrita que se dá quando perde o pai, António José Saraiva, um vulto da cultura portuguesa. «Aqui entram as minhas relações com ele, os conselhos que me deu.»

## **Quando alguém habituado a lidar com as palavras de análise política, literariamente frias, salta para a escrita de um romance é uma forma de libertação?**

A escrita é sempre movida por um impulso interior. A coluna «Política à Portuguesa», que assino há vinte anos, no *Expresso*, assim como os editoriais, fundam-se num esforço semanal muito grande para escrever com isenção, rigor, distanciamento e contenção. Tornou-se uma rotina. É provável que essa rotina tenha reprimido sentimentos que devemos igualmente transmitir, como a dor, o amor, a paixão, o ciúme. Um livro permite a escrita de afetos.

## **Um romance entre o romanesco e o policial. Apetência pelos enredos policiais?**

É a história de uma paixão com um enredo policial. Queria trabalhar a história de uma paixão doentia, violenta e avassaladora, a de Jacinto por Mariana. Mas precisava da rede dos trapezistas, para me garantir que o leitor acompanharia a história até ao fim. A trama policial surge como um artifício, a tal rede do trapezista. A qualquer momento em que o leitor pudesse deixar-se cair, ficaria preso na trama.

## **Há algo de pérfido nas personagens deste livro. Para esse jogo pediu alguma coisa emprestada à política que costuma analisar?**

Haverá alguma coisa de pérfido, que resulta mais do modo como crescia a escrita do romance. Há cenas vistas por olhares diferentes, o que terá alguma coisa a ver com a minha formação de arquiteto (exerci arquitetura quinze anos e tenho-a, hoje, como *hobby* — adoro obras!). Haverá, ainda, uma arquitetura cinematográfica. Quanto à política, nunca tinha pensado nisso, mas talvez tenha alguma coisa a ver, neste sentido: a política é, muitas vezes, um jogo de ilusões; parece-nos uma coisa e sai outra. Tem esse jogo de sombras e cumplicidades que se reflete um pouco nestas personagens. Todas andam a encobrir alguma coisa, que só no final se descobre.

## **Porquê a escolha de Tavira para cenário principal do romance?**

Passo férias em Tavira desde 1975. Tem um ambiente nostálgico tocante. Aquela paisagem da Ria Formosa, pantanosa e escura, é também bela na sua grandeza virgem, inexplorada. A Ria Formosa configura, ao mesmo tempo, um local de transição entre a terra e o mar, onde acaba o País e começa o Oceano, a sul.

## **Um livro metafórico?**

Não de um modo racionalizado. Situei-o na época de transição do salazarismo para o marcelismo, por julgar que acabámos aí um período de certezas dolorosas, a Ditadura, e entrámos num período que ninguém sabe onde vai parar. As personagens deste romance, vivendo as suas circunstâncias, simbolizam transições.

## **Uma das personagens, Diogo, prefigura o romantismo. E o autor, romântico, também?**

Sinto-me constrangido a dizê-lo, mas é verdade. Sou. Diogo é urna personagem comovente até na sua fragilidade.

## **Oferecia muitas rosas á mulher amada, Mariana. Até que um dia as rosas encontram Mariana morta, mas Diogo não as deita fora. Sinal de paixão eterna?**

Sinal de que aquele sentimento nunca morrerá. Para mim, uma espécie de adeus, até à eternidade. Há nisto qualquer coisa de romântico, sim.

## **Mariana era a sedutora fatal?**

Uma mulher com a capacidade de fazer com que os homens se apaixonassem por ela de uma forma doentia mas estimulante. Há mulheres assim. A paixão é dos estados de maior mobilização do ser, totalizante, ao ponto de levar à destruição.

## **Em que pele se sente melhor: na da paixão, amor ou amizade?**

São dimensões que todos nós já experimentámos e que mobilizam zonas muito diferentes do nosso ser. O sentimento mais tranquilo, para mim, é o da amizade.

A amizade não é monopolista nem exclusiva. O amor é um sentimento em que nos sentimos confortáveis, porque não é desequilibrante como a paixão. A paixão, em muitos casos, é destrutiva, no entanto, quando a pessoa está num processo de paixão, interroga-se muitas vezes: terei o direito de renunciar a isto?

### **Há muitas mortes no seu livro. Neste caso, a morte é a melhor maneira de olhar para a vida?**

A minha mãe, quando leu o original, disse-me: «Porque não salvas a mãe de Jacinto?» A morte da mãe de Jacinto não é gratuita. Sacode-o e leva-o a reencontrar a terra e a família. O livro é trágico, porque acaba em tragédia, mas não é triste, porque há nele uma energia que apela mais para a vida do que para a morte.

### **Depois de *O Último Verão na Ria Formosa*, novo romance?**

Durante os treze anos em que andei às voltas com este livro, nunca pensei em escrever outro romance. Mas, quando se acaba, é quase inevitável pensar no próximo.

### **Adão também não resistiu à maçã...**

Exato. Não sei, porém, se acontecerá ou não outro livro, nem isso me preocupa. Queria manter a literatura como qualquer coisa que não esteja no centro da minha vida. O pior que pode acontecer a uma pessoa é ser impulsionada a escrever ficção por razões exteriores. A pulsão tem de ser interior e tranquila. Não sou capaz de escrever sob pressão. As notícias, a última hora, sim, escrevo-as e não me provocam angústia nenhuma; agora, para um editorial ou um texto que exige mais reflexão e implica o desdobrar os raciocínios, preciso de tempo.

### **Tem má relação com as novas tecnologias?**

Não há relação física. Escrevo à mão, beneficiando do facto de ter secretárias que me passam os textos para o computador.

## **Se não fosse diretor, como se sentiria na banca de repórter a ter de lidar com o computador?**

Na banca de repórter continuo a ver-me. Dá-me prazer fazer reportagem, foi por aí que comecei, no *Comércio do Funchal*, um jornal que exercitava a irreverência. Escrevo, contudo, à mão; preciso da relação com a caneta. Nesse aspeto, até regredi, porque a *Hermes* do meu pai era o meu brinquedo favorito. Estragava as folhas todas. Fascinante! Mas, em mim, a escrita é um ato corporal que vem da cabeça e se transmite à mão. E à mão escrevo.

## **O jornalismo de hoje maltrata a reportagem e a entrevista?**

Durante anos, fez-se um jornalismo muito estatístico: tantos mortos, milhões de contos de prejuízo. A reportagem tem de ir mais à natureza das pessoas, do seu meio e condições de vida, tal como a entrevista deve ser, sobretudo, um diálogo no qual o entrevistado se revela. Isso perdeu-se um pouco. No jornalismo do século XIX, por exemplo, o repórter estava muito mais perto da vida concreta. É essa reconversão que o jornalismo terá de fazer. Não pode haver só uma relação virtual. É na relação mais humana e próxima da realidade das pessoas que os jornais podem criar a grande relação com os leitores. E será nessa relação que se fidelizam audiências. Não sei se as novas tecnologias ajudam ou desajudam esse jornalismo, mas não serão, decerto, impeditivas.